

EDITORIAL

No decorrer dos últimos meses, devido a problemas técnicos e remodelações necessárias, a revista *C-Legenda* paralisou suas atividades. Criada em 1998 pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e recentemente herdada pelo Programa em Cinema e Audiovisual da mesma instituição, a publicação precisou passar por um período de reajuste antes de retomar seu compromisso com a divulgação científica do conhecimento. Reafirmando o seu novo foco de atuação, voltado sobretudo para os estudos acadêmicos no campo do cinema e do audiovisual, a edição que aqui se apresenta, de número 36, marca o retorno de um periódico que pretende contribuir com uma área pulsante das pesquisas acadêmicas. Novas mudanças de identidade visual, além de uma aprimoramento do foco, são esperados para os futuros números da *C-legend*.

Para demarcar o regresso da revista, cuja periodicidade semestral volta a ser possível a partir de agora, a nova edição apresenta um conjunto de seis textos com variadas perspectivas metodológicas e estilísticas em torno das reflexões sobre o audiovisual. Como abertura do número 36, demarcando simbolicamente o compromisso da revista com as tradições do pensamento cinematográfico no Brasil, optou-se pela publicação de uma entrevista inédita com o cineasta Victor Lima, realizada pelo pesquisador João Luiz Vieira no ano de 1980. Editado por Rafael de Luna Freire e Lucas dos Reis Tiago Pereira, o depoimento de Victor Lima, roteirista e diretor pouco estudado pela historiografia, recupera a trajetória do artista no decorrer das décadas de 1950 a 1970, período no qual consolidou uma atuação de destaque

na comédia cinematográfica brasileira. Seu testemunho revisita detalhes sobre os processos criativos empreendidos durante o auge da chanchada e a ditadura militar, destacando a paródia como tradição política e comercial do nosso cinema.

Em se tratando do dossiê *Estudos de exibição e públicos cinematográficos: histórias, memórias e práticas*, coordenado por Rafael de Luna Freire e Talitha Ferraz, reafirma-se o interesse da revista *C-legend*a por tendências acadêmicas que vêm adquirindo força nas pesquisas recentes sobre o campo audiovisual. Composto por uma resenha e dois artigos, o dossiê concentra-se em estudos acerca da exibição cinematográfica no Brasil, destacando sobretudo aspectos históricos e contemporâneos envolvendo a consolidação da hegemonia cultural norte-americana em nosso território. Por meio de um estudo que recupera a trajetória do Vimark Cine, única sala de cinema existente na cidade interiorana de Irati (Paraná) entre 1999 e 2005, Lucia Santa Cruz e Vinicius Augusto Carvalho apresentam uma etnografia afetiva em torno das dificuldades enfrentadas por pequenos empreendimentos diante do avanço de um circuito exibidor marcado pela centralidade do produto norte-americano e pela dispendiosa atualização tecnológica constante. O texto “Memórias do Vimark Cine: a trajetória do cinema de rua de Irati, no Paraná” é revelador das alegrias e fracassos envolvendo uma sala de cinema familiar no Brasil contemporâneo.

Já no artigo “De Hollywood para os latinos: as versões em espanhol exibidas na América Latina e a hegemonia cultural dos Estados Unidos”, a pesquisadora Isabella Goulart retorna às décadas de 1920 e 1930, momento da passagem entre o cinema silencioso e sonoro, para estudar aspectos envolvendo os reajustes comerciais da presença cinematográfica norte-americana em solo brasileiro. Por meio de pesquisas realizadas em publicações jornalísticas do período, a autora evidencia a estratégia dos estúdios hollywoodianos na elaboração de versões em espanhol de seus filmes originais em inglês, procurando com isso manter o domínio de seu cinema no circuito exibidor nacional. Desvela-se um processo imperialista do passado, com consequências evidentes para o tempo presente, a partir do qual consolidou-se uma hegemonia comercial e cultural a partir de narrativas fílmicas com imagens estereotipadas da América latina. Em complemento a esses dois artigos, a mapear questões envolvendo a história da exibição cinematográfica no Brasil, Theresa Christina Barbosa Medeiros apresenta uma resenha crítica do livro *Os cinemas de Rua de Juiz de Fora. Memórias do Cine São Luiz*.

Para além do dossiê, o novo número da revista *C-Legend*a ainda inclui dois outros textos. Voltando-se para a análise fílmica, método de abordagem de larga herança no campo audiovisual, Henrique Codato publica o artigo “Notas sobre

a ausência: um diálogo entre *A aventura* (1960), de Antonioni, e *Sem amor* (2017), de Zvyagintsev”. Assumindo um viés que nomeia como “perspectiva comparativista”, o autor posiciona no centro de seu estudo dois filmes separados por décadas, o canônico *A aventura* e o recente *Sem amor*, para neles perceber um fio de continuidade, elo que aproxima cinematografias modernas e contemporâneas. O assombro causado por narrativas nas quais personagens desaparecem da cena, assombro do esvanecimento que perturba e move a errância da dramaturgia, torna-se o sentimento que estimula Codato a refletir filosoficamente e esteticamente sobre os possíveis sentidos da ausência. Com erudição, o pesquisador tece relações com outras cinematografias e com a literatura russa, traçando uma arqueologia cultural que se estende no tempo.

Fechando a edição de número 36, também dentro de um viés voltado para a análise fílmica, Fernanda Capibaribe Leite apresenta o artigo “E se fosse o contrário? Narrativas cruzadas de enfrentamento à cultura do estupro em Virginie Despentes”. Por meio de um estilo ensaístico de escrita, potente na convocação do debate político e intelectual, a autora traça um estudo comparativo entre o livro *Teoria King Kong* e o filme *Baise-moi* (2000), ambos com autoria de Despentes, evidenciando-os como processos criativos de enfrentamento à violência de gênero e de sexo dentro de uma sociedade marcadamente patriarcal. A ressignificação e a inversão da cultura do estupro, desnaturação posta no centro da obra literária e cinematográfica de Despentes, é pensada por Capibaribe como fratura ao autoritarismo machista que nos rodeia, como gesto feminista necessário para a ruptura com a violência heteronormativa presente nas estruturas sociais. O ato estético emerge como provocação incontornável para o repensar poético e político do tempo presente.

Com um conjunto heterogêneo de textos, num ir e vir constante entre tradição e contemporaneidade, cercando o campo do audiovisual por múltiplos caminhos da pesquisa intelectual, a nova edição da revista *C-Legenda* reforça seu compromisso com a divulgação pública dos estudos acadêmicos. Em um período histórico de sufocamento do livre pensar, manter-se vivo e inquieto, sempre regressando, não é pouca coisa.

Boa leitura!

Reinaldo Cardenuto e India Mara Martins